



Declaração da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida na Cúpula dos Povos durante a COP30

Não há dúvidas de que a crise ambiental vivida hoje pela humanidade tem sua principal raiz no modelo de produção capitalista. A expansão sem limites da produção e o consequente avanço sobre os bens comuns da Natureza já provocaram o rompimento do limite de 1,5° Celsius do aquecimento global e desencadearam desequilíbrios em série. As vítimas das enchentes, deslizamentos, secas, tornados e incêndios são sempre as mesmas: trabalhadores e trabalhadoras das periferias das cidades, e os povos do campo, floresta e das águas.

A atual crise do capitalismo, que teve seu último ápice na crise financeira de 2008, moveu o apetite dos mercados financeiros com ainda mais força em direção à Natureza: água, terra, petróleo e minérios se tornaram as *commodities* mais atrativas do mercado pelo lucro certo que garantem.

Ao mesmo tempo, este sistema propõe soluções para a crise que ele criou, com base em mecanismos do próprio capitalismo: associação de um valor de troca e especulação com os serviços da Natureza. Afinal de contas, é disso que se trata quando falamos dos mercados de créditos de carbono e afins, e mais recentemente, da Taxonomia Sustentável Brasileira (TSB) e do Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF).

Nada podemos esperar de uma COP composta por governos capturados pelas empresas transnacionais que lucram com a extração de riquezas da Natureza. A presença de executivos da Syngenta, a maior vendedora de agrotóxicos no Brasil, na delegação oficial da Suíça é um sinal bastante contundente neste sentido. O patrocínio de outra gigante dos agrotóxicos - a Bayer, e da transnacional dos ultraprocessados - a Nestlé, ao principal espaço destinado a debater a “agricultura sustentável”, e a ampla participação da CropLife nos espaços oficiais não deixam dúvidas: nenhuma solução séria poderá surgir deste espaço.

Os povos em luta, por outro lado, são a única esperança de soluções que realmente encarem as raízes da crise ambiental e climática.

Os agrotóxicos são hoje a espinha dorsal do agronegócio, sistema responsável por 74% das emissões de gases do efeito estufa no Brasil. São os agrotóxicos que viabilizam as extensas monoculturas que destroem a biodiversidade e contaminam as comunidades e territórios tradicionais. Em 2024, somente a soja ocupou 46 milhões de hectares, quase metade de toda a área plantada do país. Além disso, a cada dia crescem as denúncias quanto ao uso de agrotóxicos como arma química para desmatamento ou mesmo contaminação intencional e expulsão de comunidades de suas terras

O movimento de luta contra os agrotóxicos e pela agroecologia vem há décadas mostrando que é possível produzir alimentos saudáveis para alimentar a população mundial e ao mesmo tempo restaurar ecossistemas degradados. Sementes crioulas adaptadas, bioinsumos, sistemas agroflorestais, consórcios de culturas e manejo racional de pastagens são apenas algumas das tecnologias camponesas capazes de tornar sistemas

agropecuários em sumidouros de carbono. Os povos da floresta e das águas também já provaram que é possível produzir alimento de qualidade mantendo a floresta em pé e rios e mares preservados.

A Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida estará na Cúpula dos Povos durante a COP30 de Belém, em conjunto com diversas organizações camponesas do Brasil e do mundo para denunciar a farsa das falsas soluções e anunciar que a agroecologia é capaz de esfriar o planeta!

Para isso, demandamos:

- Criação de mecanismo para garantir Zonas Livres de Agrotóxicos em torno de áreas de produção agroecológica, terras indígenas, territórios quilombolas e de comunidades tradicionais e áreas de preservação ambiental, onde seja proibido o uso de agrotóxicos em seu interior e em locais que possam levar a contaminação para dentro das Zonas Livres pelo ar, água ou solo;
- Fim de todos os incentivos ao uso de agrotóxicos, incluindo isenção de impostos e crédito facilitado, e em especial mecanismos de esverdeamento do agronegócio, a exemplo da Taxonomia Sustentável Brasil, que habilita estabelecimentos com uso de agrotóxicos a receber financiamentos “sustentáveis”;
- Criação de um fundo soberano de financiamento da transição agroecológica, desvinculado de qualquer mecanismo de financeirização de ativos da Natureza, gerido com ampla participação popular e destinado exclusivamente a projetos visando a conversão agroecológica em quilombos, terras indígenas, comunidades tradicionais e pequenas propriedades da agricultura familiar;
- Responsabilização das empresas transnacionais em seus países de origem pelos crimes que cometem ao longo de sua cadeia de valor, em especial a contaminação química de pessoas e da natureza com seus produtos; ao colocar no mercado produtos perigosos, as empresas assumem o risco de cometer crimes e devem ser responsabilizadas independentemente da comprovação direta da sua ação;
- Regulamentação internacional dos agrotóxicos, com banimento imediato dos agrotóxicos altamente perigosos e incentivos globais à transição agroecológica.
- Implementação imediata da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e das Camponesas, em especial seu parágrafo 2 do artigo 14º: *“Os camponeses e outras pessoas que trabalham em áreas rurais têm o direito de não usar ou ser expostos a substâncias perigosas ou produtos químicos tóxicos, incluindo agroquímicos ou poluentes agrícolas ou industriais.”*

Diante da emergência climática e da captura dos espaços de decisão pelos interesses corporativos, reafirmamos que somente a força coletiva dos povos poderá construir um novo modelo de relação com a Terra — baseado na justiça social, na soberania alimentar e no respeito aos ciclos da natureza. A agroecologia não é apenas uma alternativa: é o caminho concreto para garantir o direito à vida, à saúde e ao futuro das próximas gerações. A crise ambiental e social que enfrentamos não será superada pelas mãos de quem a criou. Somente a força organizada dos povos do campo, das florestas, das águas e das cidades pode romper com o modelo destrutivo do capital e construir o futuro que precisamos e queremos. Seguiremos em luta contra o envenenamento da vida e pela soberania dos povos e para esfriar o planeta. Nenhum passo atrás!

*Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida
Cúpula dos Povos - Belém do Pará, novembro de 2025*